

O MILAREJO

por RAPHAEL MONTES

Ilustrações
MARCELO DAMM

SUMA
de letras

Copyright © 2015 Raphael Montes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Edição

Liciane Corrêa

Projeto gráfico de capa e miolo

Rafael Nobre | Babilonia Cultural Editorial

Revisão

Eduardo Carneiro

Juliana Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

m787v

1.ed.

Montes, Raphael

O vilarejo / Raphael Montes; ilustração Marcelo

Damm. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

96p.: il.

ISBN 978-85-8105-304-2

I. Ficção brasileira. I. Damm, Marcelo. II. Título.

15-23120

CDD: 869.09

CDU: 821.134.3(81).09

2ª reimpressão

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Para meus pais, Paulo e Adriana.

O CARÁTER DO HOMEM
É O SEU DEMÔNIO.

HERÁCLITO

PREFÁCIO

Os cadernos ilustrados de Elfrida Pimminstoffer chegaram a mim de maneira inusitada. No início de 2014, recebi uma ligação do Maurício Gouveia, sócio do sebo Baratos da Ribeiro, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Maurício me explicou que havia adquirido uma coleção de mais de sete mil livros de uma senhora chamada Elfrida Pimminstoffer, falecida meses antes, aos cento e dois anos. Entre obras clássicas, enciclopédias e livros de banca, ele havia encontrado três cadernos muito finos, de capa de couro, com texto escrito à mão, em língua estrangeira, e ilustrações. Contactara, então, Ana, a bisneta de Elfrida, que lhe vendera os livros. Ana não queria os cadernos de volta e até ameaçou queimá-los caso Maurício insistisse na devolução. Sem saber o que fazer com os cadernos, Maurício me telefonou para perguntar se eu tinha interesse em analisar o material. Aceitei.

Os manuscritos de Elfrida Pimminstoffer vinham numa tinta velha e desbotada, com uma caligrafia feminina hesitante, falha, que ganhava firmeza ao longo das páginas. As folhas estavam

malconservadas e o texto havia sido escrito em uma língua estrangeira que, a princípio, me pareceu russo ou polonês. Minha curiosidade foi aguçada pela perturbação: entre os textos, as ilustrações retratavam episódios de horror e violência extrema, traçadas e coloridas com giz de cera.

Analisando as páginas, deduzi que se tratava de uma narrativa dividida em sete capítulos. Na parte interior da capa de cada um dos três cadernos, encontrei um nome — “Peter Binsfeld” — escrito na mesma caligrafia. Com ajuda da internet, descobri que Binsfeld era um padre, teólogo e demonologista que viveu em Trier, na Alemanha, no século XVI. O legado mais famoso do padre Binsfeld é a classificação dos demônios, escrita em 1589. De acordo com seu trabalho, cada um dos demônios, os Sete Reis do Inferno, era responsável por invocar um pecado capital nos seres humanos: Asmodeus (luxúria), Belzebu (gula), Mammon (ganância), Belphegor (preguiça), Satan (ira), Leviathan (inveja) e Lúcifer (soberba).

Em meio a dicionários, atlas históricos e sites variados, percebi que não se tratava de russo, tampouco polonês ou ucraniano. Os cadernos haviam sido escritos em cimério, uma língua morta pertencente ao ramo botno-úgrico. Encontrei um único estudioso de cimério no mundo: o professor Uzzi-Tuzii, chefe do departamento de línguas botno-úgricas da Università Degli Studi di Udine, na Itália.

Telefonei ao professor, propus um encontro e conciliamos as agendas para dali a cinco meses. Quando apresentei os cadernos, o professor Uzzi-Tuzii se assustou. Recusou com gentileza o convite que fiz para que traduzisse os textos e, sem maiores explicações, recomendou que eu os descartasse. Diante de minha insistência, o professor Uzzi-Tuzii acabou me oferecendo um dicionário cimério-italiano, além de algumas orientações idiomáticas sobre o cimério.

Decidi eu mesmo traduzir os textos. A complexa sintaxe do idioma e sua irregular conjugação verbal dificultaram muito o trabalho. A prosa ciméria é cheia de retraimentos, subtrações, efeitos, com usos e conotações flutuantes. Após meses de dedicação

exclusiva, fiquei extasiado com a maldade, o terror e a frieza estilística da história que agora chega ao leitor brasileiro: a primeira narrativa completa escrita em cimério.

Como tradutor, tomei a liberdade de ordenar as histórias como me pareceu ideal. De todo modo, é bom que se diga que elas podem ser lidas em qualquer ordem, sem prejuízo da compreensão, pois se relacionam de maneira difusa, mas com personagens e fatos em comum, todos situados no mesmo vilarejo.

Busquei ainda uma possível ascendência de nomes e a localização geográfica precisa dos eventos aqui narrados. Não encontrei nada. O vilarejo, se existiu em algum momento, sumiu do mapa. Os cimérios desapareceram como se a terra os tivesse engolido.

 RAPHAEL MONTES, o tradutor





BELZEBU

BANQUETE PARA ANATOLE

Felika manda que as crianças comam depressa, antes que alguém nos arredores sinta o cheiro da comida. Depois de tanto tempo sem alimento, a família vizinha pode estar com o olfato aguçado e perceber que, ao contrário de todos, eles ainda têm o que comer. As casas no vilarejo são perigosamente próximas.

Ela se julga esperta. Enterrou entre a neve e a terra todo o alimento, de modo que nada foi apreendido quando os guardas passaram semanas atrás fazendo a coleta. Escolheu com cuidado o local do esconderijo — um espaço de meio metro quadrado atrás da fossa do terreno — e administra a guarnição restante para que não morram de fome até Anatole voltar. Vez ou outra afasta a cortina da janela, na esperança de ver o marido se aproximando da casa, com um ou dois coelhos na maleta para alimentar os três filhos que ficaram para trás.

— Vou buscar comida. Se permanecermos aqui, vamos morrer de fome ou de frio como os outros — disse Anatole, enquanto se vestia para enfrentar a neve. Partiria a pé, pela floresta. — Eu volto.

Tantos dias passados e o marido ainda não voltou. Ela não acredita que ele tenha fugido e abandonado a família. Tampouco que tenha morrido. Anatole é um homem forte, corajoso. Aparecerá a qualquer momento. Cabe a ela mantê-los vivos enquanto isso. As crianças comem de dois em dois dias. Felika, acostumada ao protesto da barriga, de quatro em quatro. Por seus cálculos, os mantimentos do esconderijo duram mais cinco semanas.

O velho estava certo. O vilarejo vem sendo dizimado dia após dia. O luto sentou-se à mesa. Ninguém chora os mortos. Não podem desperdiçar energia lamentando a partida dos que não suportaram o frio e a fome. Há duas semanas, Irina, a vizinha da direita, gritou durante toda a madrugada a morte de seu bebê. No dia seguinte, estava morta. Foi burra. Felika não é burra e não se permite sentir pena de ninguém.

No passado, a vizinhança era diferente. Os moradores jantavam juntos, riam, contavam histórias entre os goles de vodca. Agora não mais. Se souberem que Felika esconde restos de raízes e brotos, além de uns ossos de rato para dar sabor de carne ao caldo, tomam tudo de sua família. Vão exigir dividir entre todos, como se ela fosse responsável pela vida deles.

— Comam, comam logo — sussurra mais uma vez para os filhos.

As crianças não querem comer. O caldo está ralo, com um tom avermelhado. Felika prefere não brigar. Se brigar, elas vão chorar e perder energia. Melhor deixar que comam quando tiverem vontade.

Felika bebe o caldo em goladas e esconde a cumbuca atrás da lareira. Acostumada ao silêncio, assusta-se ao ouvir passadas na neve. Com as forças que lhe restam, corre para a janela, abre uma fresta na cortina. Busca a silhueta de alguém na brancura. Não há nada. Pensa que está tendo alucinações. Os passos se repetem e, por um segundo, ela pressente que Anatole finalmente voltou. Enche-se de alegria.

Sabe, entretanto, que não pode ser descuidada: os saques às casas do vilarejo têm sido frequentes. Na mesa da cozinha, pega a

faca usada para fatiar a carne. Aproxima-se da porta, ouvidos aguçados, e espera que cheguem mais perto.

— Todos para a cama agora. Vamos deitar — diz para as crianças, sem impor a voz.

Um sol tímido desponta no céu, mas ela não pode deixar que as crianças brinquem lá fora. Os vizinhos irão vê-las bem-dispostas e começarão a se perguntar o que Felika faz para mantê-las vivas por tanto tempo. Exaustas, as crianças não discutem com a mãe: continuam à mesa, as mãozinhas nos talheres imundos.

A batida na porta vem seca e breve. Felika abre novamente a cortina. Reconhece o perfil ressequido da sra. Helga: usa um vestido pesado de cores escuras, uma manta grossa envolta no pescoço esquelético e traz na mão direita uma pesada sacola de pano. A mão esquerda se esconde no bolso do vestido.

Felika não vê a sra. Helga há mais de onze meses. Pensava que a velha já tinha morrido. Não podia supor que uma cega fosse sobreviver naquele frio glacial por tanto tempo.

— Que é? — murmura, sem girar o ferrolho.

— Preciso falar com você, criança — diz a sra. Helga, a voz rouca.

Felika não responde. Melhor esperar que a velha vá embora.

— Preciso falar com você — repete. — Coisas estranhas estão acontecendo.

A fome desproveu Felika de qualquer curiosidade sobre a vida alheia. Há tempos não conversa com ninguém do vilarejo e pretende continuar assim até que Anatole volte.

— Não vou abrir a porta — diz.

— Eu não estou com os guardas. As coletas cessaram há mais de três luas. Não precisa ter medo, criança.

O murmúrio da sra. Helga é doce e sedutor. Tão gostoso escutar uma voz diferente...

— Não acredito em você, velha — diz Felika. — Vá embora.

— As estradas estão todas bloqueadas pela neve. É impossível entrar ou sair do vilarejo sem ser morto pelo frio. Por favor, preciso que me ajude. Coisas estranhas estão acontecendo.

É a segunda vez que a sra. Helga diz aquilo. O que ela pretende? Como se Felika tivesse lhe feito alguma pergunta, a mulher continua:

— Astor está morto. Alguém o matou.

Astor é o cão-guia da sra. Helga, sua única companhia desde que o coronel Dimitri morreu na guerra. Anos atrás, era Astor quem anunciava o amanhecer ao vilarejo com seu latido de husky. Nos últimos tempos, Astor havia se calado, mas Felika não estranhou. Supôs que o cachorro tivesse morrido com a dona.

— Alguém matou Astor — repete a sra. Helga. — Veja, criança.

Pela janela, encara Felika com os olhos vazios, um negrume aterrador no lugar onde deveriam estar os glóbulos oculares. Abre a sacola de pano. Estica o braço, revelando o crânio do cachorro, fiapos de pelo presos em pontos de sangue coagulado. Moscas-da-neve brincam no esqueleto do cão.

— Tiraram toda a carne dele. Só sobrou isto — diz. Uma lágrima escorre pelo rosto ossudo.

A cena enoja Felika. Ela fecha um pouco a cortina para que as crianças não vejam o que se passa.

— Preciso saber quem matou meu Astor — diz a sra. Helga.

— Não sei, velha. Eu não fiz nada.

Felika não tem interesse neste assunto.

— Mas, criança, quem pode ter feito isto?

— Já lhe disse que não sei. Nem lembro quando saí de casa pela última vez. Tente com Ivan, o ferreiro. Ele sempre sabe de tudo.

— Já bati na porta dele. Nem atendeu. Tentei em outras casas. Jekaterina, Latasha, as irmãs Vália e Vonda. Ninguém responde. Nem mesmo Krieger, o aleijado, que nunca sai de casa... O vilarejo está vazio, Felika. Todos foram embora.

— Não vou abrir a porta.

— Por favor, criança. Tenho me sentido tão sozinha... Me deixe entrar.

Felika olha de novo para o braço esquerdo da sra. Helga e se arrepia. Sem dúvida, a velha cega esconde algo. Um revólver ou até

mesmo uma faca. Não seria estúpida de expor sua família com tanta facilidade.

— Não vou abrir.

— Precisava conversar com alguém...

— Já conversamos. Agora vá e trate de se manter viva.

A sra. Helga exibe um sorriso triste, com as gengivas escurecidas, sem dentes.

— Nós vamos todos morrer, Felika. Cedo ou tarde, a fome ou o frio vai nos matar — diz. — Brigd partiu há uma semana. Morreu dormindo. Os ossos congelados.

A sra. Brigd é irmã da sra. Helga e mora na casa ao lado. Felika pensa que deveria expressar suas condolências, mas não quer fazer muito esforço.

— Então, vá embora antes que morra também, velha. Quando Anatole voltar, faço uma visita.

Felika fecha a cortina. Escuta a sra. Helga se afastar até que o silêncio sepulcral engole o vilarejo outra vez. Volta-se para os filhos, que, ainda sentados, parecem ter prestado atenção a toda a conversa. O caçula Rurik está nitidamente assustado, os olhinhos verdes girando perdidos sobre o prato. Para acalmá-los, Felika decide contar-lhes uma história, a jornada de um guerreiro que luta contra monstros para defender a família. Tenta imaginar detalhes pitorescos que preencham a aventura, mas uma dor de cabeça mórbida a impede de realizar longos mergulhos criativos.

Entre fadas e dragões, Felika ouve nova batida à porta. Não pode acreditar que a impertinente sra. Helga voltou. Caminha devagar, hesita. Ao puxar as cortinas, mal se contém: Anatole! Gargalha, louca de felicidade. Abre a porta em um rompante e lhe entrega um beijo no rosto. Anatole também sorri. Mostra a maleta que traz consigo e Felika vê os coelhos e ratos que o marido caçou. Não passarão fome!

— Você está ótima, querida! — diz o marido, enquanto aperta suas bochechas. Espanta-se que a esposa esteja tão sadia e corada.

— Tenho dado meu jeito — gaba-se Felika.

— Parece até um tanto mais... gorda!

— Ora, não seja bobo, Anatole!

— Onde estão as crianças?

— Na mesa, jantando. Vamos comemorar! — exalta-se. Estala outro beijo na bochecha do marido. Caminham de braços dados.

Ao olhar para a sala, Anatole tropeça. Sente o corpo tontear e precisa se apoiar na poltrona para não cair no chão. Vomita a pouca comida que guarda no estômago. Olha para o rosto da mulher, mas ela continua a sorrir.

Espalhados pelo pequeno cômodo, Anatole reconhece os corpos de vários moradores do vilarejo. No sofá, sem a cabeça, está Krieger, o aleijado. Ao lado, Ivan, o ferreiro, tem uma faca rústica cravada no peito. Mais perto da lareira, as pernas e as cabeças de Vália e de Latasha, enfiadas em espetos compridos, esperam o momento de serem assadas.

Anatole corre para a cozinha. Os corpos dos três filhos jazem desmembrados na mesa. Um véu rubro escorre pelos pratos e pelas cadeiras. Nacos de braços e pernas infantis saem da travessa fumegante pousada na toalha de mesa com motivos florais. Num prato ao centro, partes do pequeno Rurik mergulham num caldo avermelhado.

— O que você fez?

Felika acaricia a cabeça da jovem Maisha, espetada por um garfo de quatro dentes.

— Viram, crianças? O papai trouxe comida. Não vamos mais passar fome — diz. Rói um dedinho tostado que restou em seu prato. — Ora, querido, venha dar um beijo nos seus filhos. Hoje é um dia especial... Vou preparar um banquete para o jantar!